



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedária: Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Director e Editor: PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

2 DE JUNHO DE 1956  
Ano XII — N.º 320 — Preço 1\$00

## A nossa festa no Coliseu do Porto

Horas antes de começar o espectáculo já estava a bilheteira rapada!! Não é o público das festas; é sim uma outra assistência. Quem souber ler, é isto mesmo que nota no semblante e compostura; famílias que só saem de sua casa uma vez por festa. Eis aqui a festa e eis aqui as famílias.

Dois pontos verdadeiramente emocionantes; um quadro vivo representando a Família de Nazaré e outro quadro vivo com a presença real de 12 rapazes da casa do gaiato, suas esposas ao lado. Tivesse sido possível ir buscar outros onde hoje se encontram e duplicava-se aquele número. Poderiam vir ao palco. Este é o esforço e tendência de uma Obra que procura ser completa.

A Família de Nazaré deve ter produzido na alma de todos impressão duradoura, por isso se pode afirmar que as nossas festas são um aperitivo. São o aperitivo que dispõe para a próxima. Era uma pequenina «Nossa Senhora» a fiar na roca. O Jaimito, ao pé, cantava «Nossa Senhora faz meia...». Um nadinha mais além era um banco de carpinteiro, onde trabalhava um «homem» de barbas e um pequenino de plaina na mão, fazia o mesmo. A certa altura este pequenino, o Adriano de cinco anos, faz uma cruz de duas ripas, toma-a por si mesmo e deixa-se ficar, braços estendidos n'ela. Mas isto é o resumo da vida. O pequenino foi mestre daquela noite. Todos quantos ali estavam, pela sua formação espiritual, compreenderam e aceitaram. Todos nós afinal de contas somos os obreiros da Cruz!

Para o ano outra vez. O dia já entrou no programa. Os elementos principais são feitos da cedência da sala do Coliseu e da simpatia dos que a muito custo esperam.

## CALVÁRIO

Um visitante deixou uma nota de 500\$ das novas. Uma avó do Porto prometeu 20\$ e eles aqui estão. «É também uma oração para que Nosso Senhor me ajude a levar o meu tão penoso Calvário». Assim fala alguém de Alcobaça, enquanto deita na caixa uma nota de 500\$. Ora como o Calvário é o dote dos cristãos, não há-de faltar deles e deles e deles que respondam à chamada. É o nosso elemento. Proqué, veja-se o que diz este médico estagiário em Lisboa:

«Junto envio um vale postal do valor de 100\$00, parte do meu primeiro vencimento. Desejava que fôsse destinado ao «Calvário», organização que tem minha especial preferência visto ter conhecimento como médico estagiário, da situação precária e confrangedora em que ficam os doentes incuráveis logo que se lhe bate com a porta da Assistência Oficial impotente para casos fora do estatuto da Organização Burocrática». A obra de assistência que se adapta e responde à necessidade actual do Doente pobre, tem a comunicação da Vida de Deus. É um «escândalo»; é uma «loucura». Já temos ouvido dizer — «aquilo não dá nada».

Pede-se que este dinheiro (150\$) seja gasto no Calvário dos doentes, uma voz de Vila Luso, Angola. «Escreva, escreva sempre qualquer coisa no «Famoso», mesmo na língua de

preto que tanto aborreceu um dia o leitor» — assim diz alguém de Aveiro, com a primeira prestação de 20\$ — «começo hoje a mandar a mesada». Também vão aqui 200\$ do Porto, referentes às mesadas de Abril e de Maio. Parece um imposto! Temos muitos assim, de várias terras e homens que não conhecemos. Quer dizer, obras desta natureza são feitas por obreiros de boa vontade, disseminados e desconhecidos, mas todos com a mesma base — o amor do Próximo.

## Nota da Quinzena

Passando nós por Lisboa com pouca demora e tendo entrado por um pouco no Lar do Gaiato, a Renato Baptista, não tardou que o porteirito nos viesse anunciar duas senhoras. Mandei entrar. Ali, por sala de visitas, temos um quarto de hóspedes e mais nada. As duas senhoras foram assim recebidas.

Sentaram-se na cama e eu num caixote. Conversamos. Elas são das «Casas de Nossa Senhora do Amparo». Não lhes perguntei o nome. Uma delas tinha braço e ambas muitíssimo interessadas no assunto que ali as trouxera. Exibem um pequenino boletim informativo do que já está feito e do mais que querem fazer. O seu campo de acção é o Hospital do Rêgo, hoje lugar «de altos eumes de bondade, beleza e graça». Sabemos que nestes sítios os doentes da consulta externa são chusmas. Trazem distâncias, dores, farrapos e quase sempre em jejum. A consulta leva horas. Pois bem. As vicentinas, duas a duas como manda o preceito da caridade, servem a cada um e na hora própria o pequeno almoço e uma sopa quente. Isto é muito

Continua na segunda página

## Aqui, Lisboa!

ambiente familiar, como um ninho preparado pela natureza, quando seja assistido pela Igreja e auxiliado pela Escola, é o mais adequado para assegurar uma educação boa e até perfeita.

Ora este é o principio fundamental das Casas do Gaiato. Quem visitar Miranda do Corvo, Capelas nos Açores, Beire, Paço de Sousa — encontra ali famílias. E, se no Tojal e em Setúbal isto se sente menos, é que as casas são aproveitamentos, mas o espírito que nelas mora é ainda o mesmo.

A nossa hierarquia interna assenta na divisão da comunidade total em outras mais pequenas onde se tornem facilmente perceptíveis os laços familiares. Poder-se-ia estruturar esta organização no trabalho. Mas não é assim. Os Chefes de casa, no esforço formativo dos rapazes, estão acima dos chefes de trabalho, justamente porque nas horas mais íntimas são eles a presença do pai onde este não pode estar.

Não sei de outra realização mais fiel ao pensamento do Papa, que é o da Igreja, quando «as circunstâncias de lugar, de trabalho, de pessoas, impedem a família de se desempenhar, só por si, da difícil missão» de educar seus filhos.

A verdadeira modernidade consiste em saber ser de sempre, ainda quando o ser de sempre tem um começo antigo. Este o segredo do Pai Américo, obreiro do Evangelho, descobridor humilde de coisas descobertas, feitor de uma Obra que não é sua, antes daquele por cujo Nome ele deu sua vida.

— x x —

Posta a regra basilar, o Santo Padre indica perigos próprios das comunidades de gente nova e meios de os remediar.

Poderíamos dizer que a segunda é o não esquecimento do caso de cada um, sempre que se legisla para todos. É afinal o ponto concreto, difícil da realização da vida familiar com rapazes de origens tão diversas e em número tão avultado. Contudo, nem por ser de difícil realização perde o valor de regra.

«A educação chamada de massa representa certamente menor fadiga, mas tem o risco de atingir apenas alguns, quando todos têm o direito de aproveitar. «É de cortar em todos os casos a comunidade demasiado uniforme», porque «a inflexível exigência do regulamento fomenta por vezes a hipocrisia, ou impõe um nível

espiritual que para uns será muito baixo e para outros, pelo contrário, inacessível. A severidade demasiada acaba por transformar os caracteres fortes em rebeldes e os tímidos em aviltados e obtusos».

Ainda aqui é esta a nossa linha de rumo, apesar da tarefa absorvente que pesa sobre

Cont. na pág. DOIS

## DO QUE NO'S NECESSITAMOS

Mais 60\$ de Macedo de Cavaleiros. Mais 400\$ de Ipanema, Rio. Mais 100\$ de Palhaça. Outro tanto de Vila Luso, Angola. Mais 300\$ de Lourenço Marques. Mais 500\$ do Porto. Mais 50\$ «da percentagem do meu trabalho». Da Mariazinha e Artur 60\$. Mais 100\$ de uma promessa. «Sou mãe de um pequenino de mês e meio», e mandou uma nota de mil escudos. «É mais feliz quem dá do que quem recebe». Esta sentença escondida nos Actos dos Apóstolos, mostra-se aqui em toda a sua evidência. «Um padre do Gaiato que pedia na igreja da Lapa, apanhou-me sem vintém» — e manda 50\$. Oh devoção! Mais 500\$ de Casal-del. Mais de Lisboa 258\$40.

«Prometi que, se o meu marido ficasse bem num concurso que fez, o primeiro aumento seria para a Casa do Gaiato.

Graças a Deus ficou bem e como o prometido é devido, junto envio o aumento sem lhe tirar um tostão. Peço imensa desculpa de ainda não ter pago a assinatura do «Famoso» mas se Deus quiser para o mês que vem será».

«Sem lhe tirar um tostão!» Pudera tê-lo feito. Pudera ficar com tudo e não o fez!

## Uma carta

«Há seis meses que assino o vosso e agora nosso jornal. Digo nosso porque depois de eu o ler ele ainda vai passar pelas mãos, pelos olhos e pelas almas de alguns.

Cada vez o acho mais verdadeiro, oportuno e orientador. A verdade cala cá dentro, as palavras simples e a descrição minuciosa do concreto põem-nos ao correr da realidade pura; os factos apresentados e as lições tiradas ficam a informar uma mente e a marcar presença numa vida.»

Ela é do Seminário da Sé — Porto, e mais nada.

# ISTO É A CASA DO GAIATO

Não admira que se duvide, quando eu próprio me custa acreditar e mais vivo no meio desta fauna miúda; de onde imediatamente concluo que toda a obra humana com base na natureza das coisas, suplantando sistemas e escapando ao conhecimento dos homens, mesmo daqueles que as fundam! Ora quero hoje falar particularmente da imensa desordem que vai na tipografia, oito horas em cada vinte e quatro. Como é possível termos fregueses no Continente, Ilhas e Províncias do Ultramar! Como é possível haver fornecedores que nos confiam máquinas de muitas centenas de contos e toda a sorte de material! Possível que nos acreditem; possível que nos perdoem; possível que nos adorem! Assim me quedo por largos momentos, à vista de trez dezenas de homens de meio metro, cada um deles em frente da sua obrigação. Fôsse ele apenas o meio me-

— x x x —

tro, mas é mais; trabalham como homens e brincam como crianças. Oh misterioso desdobraimento! A organização da desordem! Para não chamar por outros, vamos buscar o Tomar II, tipógrafo impressor, que foi buscar não sabemos aonde bichos da seda e agora todas as caixotas são poucas e todas as horas são boas para ir ripar folhas verdes. Temos o «Tituria», encadernador, este deliberou fazer um amigo de cada um seu colega, fornecendo-lhes caixotas para grilos, dum lote que o Manuel Pinto tinha guardado para expedição de trabalhos. O Guilhufe I, grande impressor da «Planeta» também é grande apaixonado dos pardais; arma ratoeiras e ainda bem não, lá vai ele espreitar, mas os pardais são pardade,

— x x x —

O senhor Tomar primeiro, rapaz de largas aspirações e ao serviço do Avelino, mandou imprimir cartões pessoais, onde resolveu chamar-se «contabilista». A sua «contabilidade» resume-se em fazer o registo dos vales e pouco mais, mas ele ambiciona. Já quando foi comigo à Madeira, no hotel e enquanto atendia o telefone ouvi-lhe eu: «daqui fala o secretário de fulano!»

O Manuel dos Santos, das abelhas nas horas vagas, também resolveu mandar imprimir seus cartões, um nadinha mais modesto; chama-se ali «aprendiz de apicultor».

Se vamos para a secção de pombas, também ali se nos oferece a variedade e assim por diante de tudo quanto seja assunto de horas vagas. Variedade é a expressão da natureza. A mesma seiva da mesma árvore alimenta a desigualdade de seus ramos. Ora pois.

— x x x —

Esteve ontem aqui um grupo de franceses. Era tardinha. Tinham fechado as oficinas e ao

que parece, aquele grupo vinha justamente para observar quantas e de quê. Nesta altura, amigo «Banana» aproxima-se. inteira-se e oferece-se para mostrar a sua; ele é tecelão. Quando se lhe põe o problema da língua, resolve-o num instante: «eu sei francês!» E foi mostrar a sua e todas as oficinas da aldeia aos visitantes! Claro que o rapaz não sabe nada francês; ele tem a 4.ª classe e enche canelas, mas foi. No final perguntei e ele disse que sim. «Mostrei e expliquei tudo às senhoras!» Se gestos, se olhares, se figuras, se sons, se quê, não sei. Não sabemos. Tão pouco tivemos ocasião de perguntar, pois que os visitantes se foram embora sem confirmação, sinal de que o cicerone satisfiz! O que sumamente importa é o rapaz desenvolvido; o que não conhece nem admite dificuldades; o que acredita nos seus próprios recursos e os põe à prova. A esta sorte de rapaz, basta uma leve e doce orientação; o mais é com ele mesmo.

Não me canso de recomendar aos meus padres colaboradores que se não intrometam e deixem o visitante com o cicerone. Mesmo que se trate de um grupo em missão de estudo, e até por isso, convém que seja o rapaz. A sua graça, a sua expressão, a sua Verdade. A nossa ausência completa. Em obras de Mocidade dê-se a palavra à Mocidade.

— x x x —

O António Marques, hoje em Gândola, de África, descreve: «diga aos nossos rapazes que não tenham medo de vir para aqui, mas que venham casados». Mais adiante informa que no dia 13 de Maio foi um quase Fátima e acaba — «aqui é Portugal cristão e crente». Sempre em nota crescente ele diz que o clima aqui é tão bom ou melhor do que aí, com legumes frescos e frutas. Prevê a ida de mais dos nossos com ofício para a firma que o emprega «para que o nome da Casa do Gaiato suba no coração deste povo de Gândola»; e remata — «Deus lhe pague o bem que fez», assinando ele e sua mulher. Perdão. Não disse tudo. O António acrescenta — «também pedia se me enviavam o Famoso e qual a importância a pagar por um ano para eu poder enviar pelo correio». Agora é que é tudo.

Por este andar não leva muito que não tenhamos de manter um serviço de correspondência com os ausentes, nomeando para esse fim o rapaz secretário. Temos fugido até hoje e sido feliz em evitar a «secretaria», mas por amor de melhor distribuição de serviços temo não ser capaz de sustentar a boa resolução. Vamos a ver.

— x x x —

Ora agora o que se pretende é um bocadinho de atenção para a carta de um amigo e hoje grande freguês das nossas oficinas de ferro. Ora leiam:

«Acabo de receber uma carta subscrita por um dos Amigos, seus simpáticos rapazes (que

pena não saber quem é) na qual me informa da remessa da grade para a porta vidreira e mais quatro pequenas para as da garagem.

Já as levantei no Caminho de Ferro, tendo ficado satisfeíssimo (é o termo) com a perfeição do trabalho executado. Com muito orgulho, mostrei-as a vários amigos e posso afirmar-lhe sem a mínima ponta de exagero que foram apreciabilíssimas.

Peço-lhe pois, que transmita a todos os rapazes e meus amigos, que as fizeram, os mais sinceros parabens e muitos agradecimentos».

Não queremos chamar a isto um reclame de sentido comercial; nós não somos comerciantes. Mas sim desejamos produzir nas almas comoções agradáveis, sabendo-se quem eram e o que hoje são estes trabalhadores! Nem há maneira mais eficaz e mais saudável de os aproveitar do que isto de lhes proporcionar trabalho. É tudo rendimento; enquanto que em nossas casas ajudam a ganhar o pão que eles e seus companheiros consomem, alcançam bagagem para o dia em que tiverem de ceder o lugar a outros. Por isso mesmo os senhores digam o que desejam e nós cá executamos. Hoje vai-se para isto. Tanto no exterior como no interior das habitações diz muito bem o ferro trabalhado.

Também oferecemos quantidade e variedade de apliques em exposição num grande armário também de ferro. Os cicerones mostram. As coisas têm preço marcado. É só ver escolher, puxar pela carteira e adiante.

## CHALES DE ORDINS

Lisboa acusa a recepção e diz que, para o fim do mês, fará nova encomenda. Barcelos recebeu cinco chales e «eu prometo fazer a propaganda que possa. São muito lindos». Ponta Delgada (Açores) transpõe os mares com 200 para dois dos médios. Chama-lhes «famosos». Lisboa um pequeno para um pequenino bebé. Carção um dos grandes. Lisboa com 100, um de 90. Vila de Rei com 125 um de 110. Porto veio ver-nos e levou um dos grandes. Outra vez o Porto com um de 60. Santa Luzia (Alentejo) deseja conhecer os tão «apreciados chales de Ordins», para se tornar «propagandista de obra tão bela, tão cristã, tão edificante», e envia 130\$ para dois dos pequenos. Serão para agasalhar dois sobrinhos gémeos, «a quem muito quero, embora ainda não conheça». Se assim tanto lhes quere, que dirão os pais?

Mafrá com cem um de 90. Porto veio ver-nos e fez a sua encomenda para o próximo inverno: quatro dos grandes com uma nota de 500 nas mãos. Leiria (Quinta Sirol) um dos pequenos. Esperamos um postal a dizer-nos a cor preferida.

mas elas querem mais. Estão construindo um abrigo para os deles que ficam para o dia seguinte e assim, além das refeições quentes, uma cama para dormir! Ora isto é o que se chama ir ao encontro, sentir com os doentes. Qualquer um dos socorridos terá também ocasião de sentir com estas senhoras e dizer consigo mesmo — «tanto nos amam, que até parece que já foram como nós»; — identificação do amor!

Tínhamos gasto um grande quarto de hora no Lar do Gaiato, elas sentadas na cama e eu num caixote, e agora vem a quinta. Um negócio. Elas falam em mil contos. Propõem-se conseguir esta quantia por meio de folhas soltas, cada uma de cinquenta cotas, e estas a 2\$50 que representa o custo de de um metro quadrado. Ao que percebi, anda um número de vicentinas nesta

## NOTA DA QUINZENA

Cont. da pág. UM

distribuição. Isto são os meios ordinários e modestos de conseguir o dinheiro. Tem de haver muita constância. Repetir muitos actos de humildade. Mas a verdade toda é que estas vicentinas podem estar absolutamente seguras e entrar desde já em negócios como se tivessem os mil contos na mão. Elas já o têm! Onde? Em Caneças e em Belas. Em cada sítio existe uma casa de recuperação de tuberculosos pobres. Cada um sente-se em sua casa e ambas elas estão cheias. Na cidade de Lisboa, existem dois lares de recuperados, para os quais se procura e tem-se conseguido emprego adequado. Agora é uma quinta para ampliar, dar plenitude, causar alegria na alma dos que fazem o bem e dos que sofrem o bem. Por isso mesmo se afirma. O dinheiro está certo. Afaste-se a dúvida e o milagre opera-se. Cristo não fez milagres na sua terra natal!...

Pretendem elas e assim nos pediram duas palavras no «Gaiato» e parece que nos devíamos furta. O mundo pensa assim. O mundo ensina assim. Mas a verdade é que nós não somos nem queremos ouvir lições do mundo. Pedindo aqui no jornal para as «Casas de Nossa Senhora do Amparo», pedimos para a Casa do Gaiato, pedimos para o Património dos Pobres, pedimos para o «Calvário». Quanto mais pedirmos para os outros, mais e melhor pedimos para nós. Se nos quisermos salvar a nós temos de trabalhar intensamente na salvação dos mais. Esta é a doutrina.

As vezes acontece que alguém nos convida a ir ver a sua obra e no final encarece: «ponha no jornal». Porém nem todas. Há muitas obras erradas e o pior erro consiste em que a pessoa responsável não o quer ver. Temos ouvido palavras amargas e injustas — «você é um egoísta. Só quere a sua obra». Isto não é verdade. Isto é a trave a falar ao argueiro.

Macieira (Barcelos) volta por um dos pequeninos «para um baptizado». Lisboa, idem. Mais Lisboa com 100 para um de 90. Lamas (Sátão) um dos grandes com 120. Anda por lá uma incendiadora a falar ao povo. «Tenho falado nos chales e muita gente espera que eu mande vir um, para verem, e depois comprarem». «Admiro essa grande obra e nela tenho falado com entusiasmo e louvor». Pois agora os 50.000 leitores irão ver Lamas. Reparem agora no Porto. «Sou uma doente enclausurada mas procurarei ajudar na medida do possível». Envia 60 para um dos pequenos. Se esta mulher não fosse doente, não faria tanto. O seu exemplo assim, é mais frutuoso. Ois da Ribeira recebeu e gostou. De novo, com 190 para um grande e outro pequeno. Irão para África. Com 120 para um grande, o Liceu de Ponta Delgada (S. Miguel) quere conhecer os nossos chales. Não é simples curiosidade. É desejo de espalhar o bem. De Lisboa, uma propagandista da primeira hora volta com 200 para três dos pequeninos. De Oliveira do Douro e Vila Nova de Gaia

peleas amigas vieram ver-nos e... aos nossos chales. Tentaram-se e levaram dois de 90 e um de 110, tudo por 310\$.

— x x x —

Como os leitores verificam, já há quem se previna para o próximo inverno. Só há que louvar tamanha providência. Quem assim não fizer, encomendando já o seu chale, arriscar-se-á a não ser servido no inverno. Não é propaganda. Muito menos má vontade da nossa parte. Pobreza, sim. É que não podemos fazer «stok». Podem-no os industriais e comerciantes. Não somos uma nem outra coisa. Falta-nos, por isso, capital, para armazenar a matéria prima. Vamos encomendando, de cada vez, 15 Kgs. de cada cor. Em acabando tornamos à Fábrica. E, no inverno, esta avia morosamente os fregueses, pela acumulação de encomendas.

Por outro lado, as nossas artezãs, por pobres, não podem trabalhar, sem receberem logo a paga. Nós, por pobres, não podemos pagar-lhes, senão quando os clientes nos paga-

Continua na pág. QUATRO



## Setúbal

## Campanha dos cinquenta mil

## Doutrina

Sempre que a vida económica de um povo depende de um «se» condicional, essa mesma vida torna-se inconstante e aflitiva. E quando esse «se» pouco depende do governo humano, a situação toma ainda piores proporções.

Estamos há uns meses em contacto com a população de Setúbal e embora este contacto não seja permanente, temos sentido um pouco da sua aflicção.

A vida da maior parte desta gente depende do mar. Se o mar dá, muito bem e tudo vai correndo; se o mar dá muito, há um desequilíbrio proveniente da desorientação e abundância; se o mar não dá, reina a miséria em casa.

Como a maior parte desta gente passa a sua vida no mar, amolda a sua maneira de ser à do próprio mar. Durante este tempo a que nos referimos, o mar pouco ou nada tem dado e o ano passado foi um mau ano de pesca. Ao lado do mar este povo vive da agricultura. E todos nós sabemos a situação decadente em que está a nossa vida agrícola. Com o passado inverno rigoroso e com as chuvas torrenciais dos últimos tempos, este povo não tem tido ganhos. Vivem, sem ter de quê.

Ainda há pouco, alguém que conhece bem a vida deste povo me dizia com certa graça e com tristeza: «se o mar um dia dá muito, carregam-se de ouro e trazem as notas nos bolsos das calças; se o mar o outro dia não dá, vão a qualquer loja vender o ouro e gastam o dinheiro na taberna. Esta gente não tem reservas».

Hoje, domingo, deste lugar donde escrevo, estou a ver homens e homens a passar descalços e rotos. Magotes e magotes de crianças brincam do mesmo jeito. Olhamos para as suas caras e notamo-los raquíticos e deformados.

Ontem mesmo, um professor setubalense agora residente em Coimbra, me dizia à maneira de quem pede: «veja se ensina os meus contrerrâneos a saberem governar-se. Olhe que em Setúbal perdeu-se a noção da família. As mães têm os filhos nas canastras e assim vivem. Os pais, em grande parte, não querem saber da mulher e dos filhos. Há um abandono familiar completo».

E não é necessário muito tempo para chegarmos a este conhecimento. Basta-nos olhar para os largos enxameados de crianças abandonadas e olharmos de conjunto para a cidade e não sabemos, nem compreendemos onde se possam albergar sessenta mil pessoas, tantos são os habitantes de Setúbal, segundo nos informam.

O espectáculo é de facto aterrador e o mar continua ingrato e os que têm ainda um pouco de consciência social apertam as mãos na cabeça sem saber o que se há-de fazer.

Tão pouco nós sabemos a solução. Uma coisa porém temos de encarar: não podemos cruzar os braços.

Padre Horácio

Nós estamos aqui a manter o fogo. Labareda que aqueça o espírito dos nossos amáveis leitores e assim prossigam na conquista de novos assinantes para o «Famoso». É que, meus senhores, não podemos esmorecer. Temos de ser persis-

tentes e a persistência é o princípio da vitória. Se estamos com uma tiragem de 43.000, não é possível atingir os 50.000? Basta que uma pequenina percentagem de leitores escute a palavra de ordem, se entusiasme e cami-

nhamos a passos agigantados para os cinquenta mil.

Têm vindo cartas. Umhas espumantes. Outras dolorosas. Ainda outras cheias de esperança. A mais recente diz assim: «Peço desculpa de só hoje enviar a circular, pois já estava de posse dela há bastante tempo e o meu gosto seria mandá-la cheia, mas infelizmente não consegui: o povo está muito egoísta. Mas prometo com a ajuda de Deus ver se arranjo mais algum. Agora vai assim porque os primeiros que assinaram até devem estar a desconfiar de mim. Envio 153\$50, é pouco mas foi o que me deram; os que não pagaram pode ser que dêem mais qualquer coisa».

Não podemos dizer que as circulares cheguem aqui, em avalanche. Não. Vêm devagarinho. Porém, não fugimos à verdade dizendo que todos os dias recebemos novos assinantes. Uma parte dos felizes Angariadores queixa-se do mundo; queixa-se do que sofrem para conseguir, às vezes, um simples assinante! Que trabalhos, que canseiras, que persistência! Dá-lhes vontade de desanimar, dizer mal; porém, basta um, de entre os consultados; basta um, digo, que responda à chamada e o trabalho e as canseiras e as arrelias e tudo o mais, vale bem a pena. Esse Um terá, perante Deus, grande valor. Porquê? Deus está em nossos corações. Deus está em toda a parte.

No último número fizemos um apelo aos empregados das grandes empresas. Ter-se-iam esquecido? Agora tornamos a lembrar. Olhem «O Gaiato». Propagai «O Gaiato». Convençei os vossos colegas de trabalho. Conquistai-os para a nossa Família — a numerosa Família de assinantes e leitores do nosso Jornal. Vamos ver que nos traz o correio Depois falaremos.

Hoje ficamos por aqui. Queira Deus que na próxima quinzena possamos dar ainda melhores notícias. Até lá, boa disposição e coragem para enfrentar os «incantados». E que venham muitos, são os nossos votos.

J. M.

## Noticias da Conferência da nossa Aldeia

De uma assinante de Setúbal, 20\$. Assinante 10.250, 30\$00. José Almeida d'Eça, 5\$00. Lamego, 20\$. Uma carta: «Junto envio a quantia de 200\$ para os pobres da Conferência de S. Vicente de Paulo dos rapazes de Paço de Sousa». É de Lis-

Havia de ser no capítulo «Isto é a Casa do Gaiato», pois que deles vamos falar, porém o assunto é tão delicado que resolvemos dar-lhe este caixilho. Mais do que delicado diríamos santo. Trata-se das Origens. Origem da vida. Vida humana, de todas a mais preciosa após a Encarnação. Jesus Cristo é Homem!

Os nossos rapazes não costumam desligar-se da casa, mesmo que as circunstâncias os afastem. Onde quer que se encontrem comunicam em regra suas alegrias e suas tristezas. São abertos. Se casados, sobe a maré. Há sempre mais que dizer. Justamente acabamos de receber carta de um zambeziano, onde fala de «um filhinho nosso que, se Deus permitir, nascerá em Julho. O entusiasmo já transborda ao ouvir bater-lhe o coração, quando a mãe vai ao médico e este me permite ouvir».

A notícia atravessou o atlântico sem perder nada da sua frescura. Vai dar agora uma volta maior, embeber corações de cem mil leitores e nada perde da sua beleza. Se daqui a um século, a mesma comoção. Porquê? Por causa da origem sagrada e profunda da vida de uma criança! Nem tempos, nem distâncias, nem nada. Deus é eterno.

Em lugar do realismo com que se pintam hoje doutrinas falsas, vem ali um outro realismo, em riqueza de pormenor, onde nem sequer escapa a delicadeza — «quando o médico me permite». E ficamos a meditar com as mãos erguidas em acção de graças ao Pai Celeste, descobrindo que ainda há muitos sítios sem lama, na terra que a gente pisa. Ignoremos o facto de outros procurarem resolver de outras maneiras, médico à frente! Deixemos os sábios. Os economistas. A técnica: — o mundo a «ensinar» o que ignora! Tudo isso se perde e se confunde diante da verdade, a «Única», dita e praticada por um Rapaz da Rua, que bebeu leite na Casa do Gaiato!

Mas há mais. Nós recebemos diariamente montes de notícias dos ausentes e esta que vamos dar interessa, porque paralela ainda que noutras circunstâncias.

«Tivemos mais um filhinho; veja Pai Américo a fome que vamos passar». Esta é da metrópole. O rapaz mora a quilómetros do Porto, mundo velho e gasto que sem grandes doses de seiva mal produzirá.

Pois muito bem. O gaiato nem por isso desanima. Também ele bebeu do nosso leite a passar de oito anos. Também ele ensina o caminho.

## AGORA

Já há muito que não vinham mas tornaram agora os ferroviários de Vila Real com 232\$50. Cá vão eles na procissão. Se todos eles se quiserem organizar e dar por mês cada um \$50, não é preciso mais nada! Os sócios de Proença-a-Nova tornam a vir com 500\$. Digo tornam, porquanto muitas vezes têm vindo. Deus os ajude. Também vai aqui Alguém de Luanda com três dúzias de contos. Não diz quem é. Num pequenino cartão feito à máquina diz assim: «se a uma destas casas puder ser dado o nome de — «Casa do Quim» e ser construída no distrito de Castelo Branco, agradeço». Inteirado. A seu tempo diremos aqui onde a casa vai ficar. Toda a gente há-de gostar de ler esta devoção; é com certeza o nome de um filho. Nome familiar. Se único, se o mais querido de todos, se quê, nada disso importa. É o Quim. Vamos ter no Património a «Casa do Quim». Muito gostaríamos de agradecer, mas não sabemos a quem. Maior a sua recompensa! O Senhor Horácio do Rio de Janeiro acaba de enviar três contos para mobilar a casa que em tempos o seu grupo ofereceu e vai aqui na procissão. O mancebo que não fuma para poupar 20\$, também aqui vai com eles na mão. Uma senhora do Porto que há tempos ofereceu uma casa, esteve aqui no domingo com outra senhora pela mão. É uma sua amiga. Não soube aquela senhora dar-lhe maior prova de amizade do que induzi-la a oferecer também uma casa e assim aconteceu. Mais beleza na procissão. Aqui se diz que a «Casa Maria do Carmo» pode ser vista da estrada em Vale de Ferreiros, entre o Porto e Valongo. Há ali um cabeço com algumas mas quem dera mais. Muitas mais. E um jeiti-

## CHALES DE ORDINS

Continuação da segunda página

rem. Não podemos, portanto, fazer «stok» de chales.

Para resolvermos esta dificuldade, duas soluções se nos oferecem: ou os leitores fazem já a sua encomenda para o inverno, ou, então, venha daí uma alma caridosa que nos ofereça 10 contos, para podermos fazer maiores encomendas de lá, pagar adiantadamente às artezãs, fazer «stok». Quem nos lê que se feriu? Palavras bonitas temos recebido muitas. Esperamos, agora, o leitor silencioso que, desprendendo-se do que não lhe faz falta, há-de voar mais alto.

Padre Aires

nho da Câmara de Gondomar. E luz. E água. Tanta coisa linda e útil que se poderia fazer com pouco dinheiro! Mais doze contos. Mais vinte contos.

Muita atenção. Temos mais uma pedra de um gaiato africanista para a casa deles. É o Amadeu Mendes da Zambézia. Ele vai aqui com 500\$ na mão.

O Amândio de Londres está impaciente e não tarda muito que não venha por aí. Atenção a S. Paulo, ao Rio de Janeiro, às terras principais das nossas províncias ultramarinas. Não digo aqui nomes, mas cada um que por lá anda recebe o jornal e isto basta. Não quero que nenhum peça dinheiro, mas que dê totalmente do que é seu. Já tenho lugar escolhido e planta também. A «Casa dos Gaiatos» vai ficar rente à estrada entre Porto e Valongo, em uma das muitas curvas abandonadas e ora oferecidas à Obra da Rua pela Junta Autónoma das Estradas.

Mais 30 contos. Que chuva! Que formidável pancada para os eternos assambarcadores de notas de banco e quão cegos! Não viram ainda a multidão dos Remedidos em marcha vitoriosa para um juízo de salvação, nem se espera que vejam.

Ora agora queiram ter a bondade de se afastar um nadinha, que Silves vai passar. É o Algarve. Tirante Vila Real de Santo António, onde já parece ter chegado a aflicção, todos os sítios se calam e acham bem. A carta é assinada por Isabel e seu marido. Que ninguém separe o que Deus junta! No corpo da dita vem assim: «leamos pela cartilha de S. Francisco de Assis, sempre velha e sempre actualizada — é dando que recebemos». Este é o «date et dabitur». Não há no mundo regra mais infalível, nem que mais assuste: «dá e receberás» — programa da altíssima pobreza do Evangelho! Nos primórdios da nossa vida de mendigo, era mui frequente vir a carta com dinheiro, onde se recomendava «metade para si e metade para os pobres». Outras vezes, era um pacote de roupas e a notícia «vai uma peça nova para si»; e desta forma, na mais pura das intenções, ia-se tirando toda a eficácia aos passos do mendicante. Tivéssemos nós feito assim, que tínhamos hoje para dar? Qual é o homem que pode realizar coisas altas sem este espírito de altíssima pobreza, qual? Nenhum. Com este sermão já me ia esquecendo que dentro era um cheque de seis contos, primeira prestação da «Casa Silves». Deixem passar.

boa. Assinante 21614, de Luanda, Angola, 30\$. Outra vez Lisboa, 150\$, para ser «entregue a uma das famílias mais necessitadas da Conferência». De Alfeizerão, 5\$, de «Alguém que fez uma casinha».

Júlio Mendes